

A reescrita nos documentos oficiais: da literatura científica aos PCN

The rewriting in official documents: of scientific literature to NCP

Adair Vieira Gonçalves*
Alexandre Martins Pinho**

RESUMO: Este estudo tem por objetivo analisar um dos documentos oficiais norteadores da educação básica, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998). O intuito principal da pesquisa é investigar como o conceito de reescrita foi retextualizado da literatura científica – Geraldí (1995), Jesus (1995), Pasquier e Dolz (1996) – para os PCN. Trata-se de uma pesquisa documental (SÁ-SILVA *et al*, 2009) de abordagem qualitativa (LÜDKE & ANDRÉ, 2012). Pode-se concluir que os PCN apenas resumem, ficham e sintetizam teorias acadêmicas sobre reescrita (SILVA; MELO, 2009). Constatou-se que tanto os PCN quanto os autores defendem que o ato de reescrever não deve ser entendido apenas como a reformulação/correção de estruturas gramaticais consideradas inadequadas, mas um processo complexo que engloba atividades várias, ao possibilitar que o aluno reflita sobre a própria língua e, posteriormente, aprimore a escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Parâmetros Curriculares Nacionais. Retextualização. Reescrita.

ABSTRACT: This study aims to examine one of the official documents guiding basic education, the National Curricular Parameters - NCP (BRAZIL, 1998). The main aim of the research is to investigate how the concept of rewriting was retextualized from scientific literature - Geraldí (1995), Jesus (1995), Dolz and Pasquier (1996) - for the NCP. This is a documentary research (SA-Silva *et al*, 2009) qualitative approach (LÜDKE & ANDREW, 2012). It can be concluded that the NCP just summarize, synthesize and file academic theories about rewriting (SILVA; MELO, 2009). It appears that both the NCP as the authors argue that the rewriting involves complex activities far from the correct spelling and grammar. It appears that both the NCP as the authors argue that the act of rewriting should not be understood only as overhaul / repair of grammatical structures considered inappropriate, but a complex process that encompasses various activities, to enable the student to reflect on its own tongue, and subsequently, improve the writing.

* Possui graduação em Curso de Licenciatura em Letras - Faculdades Toledo (1990), mestrado em pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2002) e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007).

** Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

KEYWORDS: National curricular parameters. Retextualization. Rewriting.

Introdução

A reescrita de textos, como uma das etapas do processo de produção textual, há tempos vem sendo discutida nos estudos aplicados da linguagem. Para este estudo, nosso objetivo é investigar como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) abordam a reescrita/refacção¹ e, em razão disso, estabelecer comparações entre os documentos e os autores referenciados na página final do documento, e, sobretudo, verificar como a temática foi retextualizada nos PCN.

Nesta pesquisa, compreendemos a reescrita como parte do processo de produção textual, constituída por atividades de mudança/reestruturação/adequação do texto (GONÇALVES; BAZARIM, 2013) produzida pelo estudante ou sugeridas por um par mais experiente, em geral, o professor. A temática é bastante discutida por diversos pesquisadores, dentre os quais podemos destacar: Geraldi (1995), Jesus (1995), Pasquier e Dolz (1996), os quais defendem que o ato de reescrever não deve ser entendido apenas como a reformulação/correção de estruturas gramaticais consideradas inadequadas, mas um processo complexo que engloba atividades várias, ao possibilitar que o aluno reflita sobre a própria língua e, posteriormente, aprimore a escrita.

Para atingir os objetivos da pesquisa, partimos da premissa de que os estudos de Geraldi (1995), Jesus (1995) e Pasquier & Dolz (1996) são determinantes para a abordagem da reescrita/refacção referendada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

O processo de retextualização a ser estudado é por nós compreendido como a produção de um novo texto a partir de um texto matriz (ou de uma coletânea de textos), o qual "gera uma mudança entre modalidades de veiculação e entre gêneros textuais" (D'ANDREA; RIBEIRO, 2010, p. 66). Nesta pesquisa, investigaremos a retextualização entre os textos-fonte de Geraldi,

¹ Neste trabalho, compreendemo-las como sinônimas.

Jesus e Pasquier & Dolz e os PCN, partindo da hipótese de que o conceito de reescrita foi retextualizado de publicações referenciadas no final do documento.

Partimos de alguns pontos já estabelecidos na área: i) de que a reescrita/refacção de textos é uma atividade de reflexão sobre a linguagem; ii) de que a reescrita/refacção pode ser considerada um dos aspectos fundamentais das atividades de análise linguística.

As (re) textualizações serão detalhadas, a seguir, em extratos comparativos entre os PCN (BRASIL, 1998) e as obras *Portos de Passagem de João Wanderley Geraldi (1995); Um Decálogo Para Ensinar A Escrever* de Pasquier & Dolz (1996) e, por fim, de uma forma menos direta, a dissertação de mestrado de Jesus (1995) intitulada *Reescrita: para além da higienização*.

A motivação para a produção dessa pesquisa foi uma formação continuada efetivada por Silva & Melo (2009), em que os autores disseram-se surpresos ao compararem os PCN e os Referenciais Curriculares para o Estado do Tocantins (RC/TO). Após as análises, os autores concluem que os RC/TO adotam alguns expedientes de apropriação do intertexto, quais sejam: paráfrase², síntese da informação, substituição de formas linguísticas por sinônimo, simplificação teórica, ainda que, no senso comum, os docentes em formação denominassem-no de genéricos, transgênicos.

A pesquisa se situa no âmbito da Linguística Aplicada (LA), de natureza qualitativo-interpretativista. Para a geração dos dados, utilizamos procedimentos de análise documental, especificamente, os PCN (BRASIL, 1998) e as pesquisas científicas de referência na área dos estudos da linguagem, tais como: Geraldi (1995), Jesus (1995) e Pasquier & Dolz (1996). A análise documental pretende buscar informações nos documentos a partir das questões de interesse da pesquisa. Segundo Lüdke & André, “ela pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (1986, p. 38), uma vez que, por meio dessa abordagem

² No dizer de Koch (2010), por meio dos paráfraseamentos, “representamos conteúdos anteriores em construções sintáticas diferentes, visando um ajustamento, uma precisão maior de sentido” (p.168).

metodológica, evidenciou-se um intenso processo de paráfrase entre os PCN e as obras de referência.

Da Ciência da Linguagem aos Documentos Oficiais

Neste tópico, primeiramente, partiremos das contribuições de Geraldi, referenciado nos PCN (BRASIL, 1998). O livro de referência é intitulado *Portos de Passagem*. Em seguida, cotejamos as contribuições de Pasquier e Dolz (1996), *Um Decálogo para Ensinar a Escrever*, artigo científico mais utilizado para a retextualização nos documentos oficiais. Por fim, as contribuições da dissertação de mestrado defendida por Jesus em (1995) cujo título é *Reescrita: para além da higienização*.

Vemos que o autor, no seu livro *Portos de Passagem*, não discute, especificamente, o conceito de reescrita, já que centra suas discussões nos eixos da leitura e da produção de textos e na reflexão sobre a língua(gem). Entretanto, ao abordar a análise linguística presente na sala de aula, faz menção à reescrita, expondo o processo de modificação, de reestruturação e de adequação de textos realizados por alunos:

Extrato1:

<p>...a análise linguística a se praticar em sala de aula não é simples correção gramatical de textos face a um modelo de variedade e de suas convenções: mais do que isso, ela permite aos seus sujeitos retomar suas intuições sobre a linguagem, aumentá-las, torná-las conscientes e mesmo produzir, a partir delas, conhecimentos sobre a linguagem que o aluno usa e que outros usam (GERALDI, 1995, p. 217).</p>	<p>Um dos aspectos fundamentais da prática de análise linguística é a refacção dos textos produzidos pelos alunos. Tomando como ponto de partida o texto produzido pelo aluno, o professor pode trabalhar tanto os aspectos relacionados às características estruturais dos diversos tipos textuais como também os aspectos gramaticais que possam instrumentalizar o aluno no domínio da modalidade escrita da língua (BRASIL, 1998, pp. 79-80).</p>
---	---

Em Geraldi (1995), temos a sugestão de trabalho a partir da noção de análise linguística. A conceituação do termo, novo à época, dá-se pela caracterização pela negativa. Isto é, não era, na acepção de Geraldi, a simples correção gramatical, mas uma atividade que permitisse aos sujeitos retomar seus propósitos comunicativos, adicionar ou acrescentar informações, que, para

Menegassi (2013, p.111), “pode tratar-se do acréscimo de um elemento gráfico, acento, sinal de pontuação, grafema [...], mas também de uma palavra, de um sintagma, de uma ou de várias frases”. Geraldi sugere ainda tornar conscientes as intuições sobre a linguagem, numa menção às atividades epilinguísticas discutidas por ele na mesma obra, além de obter conhecimentos sobre a linguagem de que possam usufruir os estudantes noutras interações.

Na retextualização dos PCN (BRASIL, 1998), aparece claramente o termo refacção como exemplo de atividade linguística a ser efetivado em sala de aula. Ocorre aqui uma espécie de relação hiperonímia/hiponímia entre o texto de Geraldi e os PCN. Geraldi, de forma hiperonímica, trata dos objetivos da análise linguística, como vimos no extrato 1. Os PCN especificam o trabalho a ser realizado com a atividade de reescrita/refacção/análise linguística: analisar aspectos estruturais dos tipos textuais, utilizar aspectos gramaticais que beneficiem a produção escrita do estudante³.

Em relação ao processo de análise linguística mencionado pelos PCN, apenas reafirmamos o que outros pesquisadores já observaram, ao dizer que os documentos sugerem o ensino do português de maneira reflexiva, propondo uma educação associada à prática, contribuindo para a atual concepção de análise linguística e, conseqüentemente, a reescrita/refacção: “reflexão sobre recursos linguístico-textual-enunciativos, tanto em relação à compreensão e produção de textos orais e escritos, quanto em relação à descrição do sistema da língua” (BEZERRA & REINALDO, 2013, p. 16).

Gonçalves & Bazarim (2009), compreenderam a refacção como a alteração do texto realizada pelo próprio escritor (aluno), diferentemente da reescrita, sendo esta motivada por agentes externos, o professor, por exemplo. Diferentemente desta pesquisa, não diferenciamos os termos.

... a refacção faz parte do processo de escrita: durante a elaboração de um texto, se releem trechos para prosseguir a redação, se reformulam passagens. Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões.

³ Nas páginas 79-80 dos PCN, podemos encontrar sugestões metodológicas para o trabalho da reescrita/refacção em sala de aula.

Nesta perspectiva, a refacção que se opera não é mera higienização, mas profunda reestruturação do texto, já que entre a primeira versão e a definitiva uma série de atividades foi realizada.

Os procedimentos de refacção começam de maneira externa, pela mediação do professor que elabora os instrumentos e organiza as atividades que permitem aos alunos sair do complexo (o texto), ir ao simples (as questões linguísticas e discursivas que estão sendo estudadas) e retornar ao complexo (o texto). Graças à mediação do professor, os alunos aprendem não só um conjunto de instrumentos linguístico-discursivos, como também técnicas de revisão (rasurar, substituir, desprezar). Por meio dessas práticas mediadas, os alunos se apropriam, progressivamente, das habilidades necessárias à autocorreção (BRASIL, 1998, pp. 77-78).

Assim, é possível perceber a retextualização presente nos PCN e cotejar a “análise linguística” em Geraldi como equivalente à “refacção” descrita nos PCN.

Os extratos de 2 a 6 a seguir cotejam a retextualização das reflexões de Pasquier & Dolz pelos PCN (BRASIL, 1998) publicados três anos depois da publicação de Pasquier & Dolz. Para que haja compreensão das ideias apresentadas por ambos, transcrevemos toda a passagem, e, em alguns extratos, grifamos trechos que apresentam correlação direta e que serão objeto de reflexão.

Extrato2:

<p>Na fase de aprendizagem da escrita de um gênero textual, propomos que haja um tempo entre a escrita da primeira versão de um texto e o momento de revisão-reescrita. Observamos que, desta maneira, facilitamos o distanciamento necessário para que o aluno reflita sobre sua própria produção e, sobretudo, oferecemos-lhe a possibilidade de fabricar instrumentos lingüísticos sobre o gênero textual que tem de produzir (DOLZ & PASQUIER, 1996, p. 9).</p>	<p><u>Separar, no tempo, o momento de produção do momento de refacção</u> produz efeitos interessantes para o ensino e a aprendizagem de um determinado gênero:</p> <ul style="list-style-type: none"> -permite que o aluno se distancie de seu próprio texto, de maneira a poder atuar sobre ele criticamente; -possibilita que o professor possa elaborar atividades e exercícios que forneçam os instrumentos lingüísticos para o aluno poder revisar o texto (BRASIL, 1998, p. 77).
---	---

Pasquier & Dolz (1996) defendem a necessidade de haver uma distância temporal entre a fase inicial de escrita e as etapas de revisão e de reescrita, a fim de que os alunos possam refletir, durante esse período, a respeito do processo de escrita e aprimorar a forma de escrever. Os documentos

comungam da metodologia apresentada pelos pesquisadores, abordando-a de forma semelhante, trazendo, inclusive, possíveis benefícios educacionais desse método: atuar criticamente no texto. Há entre os dois textos uma relação de paráfrase e de sinonímia.

Vejamos o exemplo a seguir: Em Pasquier & Dolz, temos: “propomos que haja um tempo entre a escrita da primeira versão e o texto de revisão-reescrita”; nos PCN: “...separar, no tempo, o momento da produção do momento da refacção...” A paráfrase, a nosso ver, está na questão temporal; num, focando a ordem das produções; no outro, focando o contexto de produção. Em relação à sinonímia, como já dito anteriormente, os autores chamam o processo de análise linguística de revisão/reescrita; os documentos denominam-no de refacção.

Além disso, ocorre nos PCN um discurso mais teórico, ao ocultar marcas de 1ª pessoa do plural, criando um efeito de objetividade e de veracidade das afirmativas.

Extrato 3:

<p>Geralmente, o professor corrige os erros de ortografia e de estilo, anotando comentários às margens da redação que nem sempre são de fácil compreensão para os alunos. Caso exijam uma releitura e uma autocorreção da primeira versão, os professores verão como a atividade de revisão é difícil para eles. Os alunos mais jovens apresentam uma espécie de “cegueira”, como dizem os psicólogos que estudaram o fenômeno, diante de seus próprios erros. Os alunos que introduzem algumas modificações concentram-se em alguns erros superficiais como a correção de ortografia (os erros que podem enxergar!) e a substituição de algumas palavras por outras, julgadas mais precisas, tentando compreender as</p>	<p>Na escola, a tarefa de corrigir, em geral, é do professor. É ele quem assinala os erros de norma e de estilo, anotando, às margens, comentários nem sempre compreendidos pelos alunos. Mesmo quando se exige releitura, muitos alunos não identificam seus erros, ou, quando o fazem, se concentram em aspectos periféricos, como ortografia e acentuação, reproduzindo, muitas vezes, a própria prática escolar (BRASIL, 1998, p.77).</p>
---	---

anotações do professor à margem da página (PASQUIER & DOLZ, 1996, pp.9-10).	
---	--

No processo de paráfrase dos autores de referência para os PCN (1998) houve deslocamentos, supressão de elementos linguísticos e relação hiperonímia/hiponímia. Neste extrato, vamos nos deter em três aspectos importantes: i) da tarefa de corrigir os textos; ii) do local de anotação dos problemas de escrita apontados pelo professor; e, por fim, iii) no processo de releitura.

Em Pasquier e Dolz (1996), afirma-se que a tarefa de correção geralmente é do professor. Os PCN retomam tal assertiva ao afirmar também que a tarefa de corrigir em geral é do professor. Há uma restrição partindo do advérbio modalizador apreciativo *geralmente* para a locução adverbial *em geral* nos PCN. A localização dos comentários do professor na folha de redação do estudante foi retextualizada partindo de "às margens da redação" para "às margens", ocorrendo a supressão do determinante *da redação*. A próxima restrição ocorre quando os documentos defendem que, às vezes, os comentários anotados nas bordas/margens do texto podem não ser compreendidos pelos estudantes. Parte-se de uma oração adjetiva de natureza restritiva "que nem sempre são de fácil compreensão para os alunos" para uma redução da adjetiva participial "nem sempre compreendidos pelos alunos". Relações sintático-semânticas também foram preservadas na retextualização Pasquier & Dolz para os PCN. Para os primeiros, há uma relação condicional, introduzida pelo organizador textual *caso*, entre a possível releitura e autocorreção da primeira versão efetivada pelo estudante e a consequente dificuldade que a tarefa poderá ocasionar; os PCN, doutra forma, adotam uma oração gerundiva, de natureza concessiva *Mesmo quando*.

Ocorre ainda na retextualização Pasquier & Dolz para os documentos a relação hiponímia/hiperonímia, em que os autores ampliam as informações, para exemplificações nos documentos oficiais. Assim, temos: "erros superficiais como a correção de ortografia" foi retextualizado para "aspectos periféricos,

como a ortografia e a acentuação”⁴, ou seja, nos documentos, o leitor tem exemplificado o sentido de *erros superficiais*; a expressão parentética “os erros que podem enxergar” foi retextualizada como “... muitos alunos não identificam seus erros, ou, quando o fazem, se concentram em aspectos periféricos, como ortografia e acentuação, reproduzindo, muitas vezes, a própria prática escolar”. A expressão “substituição de algumas palavras por outras, julgadas mais precisas” não foi retextualizada pelos PCN; por outro lado, compreendemos que a referida expressão foi encapsulada na expressão “...reproduzindo, muitas vezes, a própria prática escolar” (BRASIL, 1998, p.77), já que na escola há uma constante solicitação de que os estudantes devem evitar a repetição de palavras.

Extrato 4:

<p>A revisão é uma atividade que é parte integrante da escrita. Durante a escrita da primeira versão de um texto, o autor relê constantemente o que escreve para continuar e, relendo, freqüentemente transforma seu projeto inicial. A releitura, a revisão e a reescrita de um texto são atividades que também se aprendem (PASQUIER & DOLZ, 1996, pp.9-10).</p>	<p>Entretanto, a refacção faz parte do processo de escrita: durante a elaboração de um texto, se relêem trechos para prosseguir a redação, se reformulam passagens. Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões. Tais procedimentos devem ser ensinados e podem ser aprendidos (BRASIL, 1998, p.77).</p>
--	--

No extrato 4, ambos os textos defendem a escrita como processo, de que a revisão e a reescrita/refacção fazem parte, em uma relação de paráfrase das reflexões de Pasquier & Dolz (1996). Filiados ao interacionismo sociodiscursivo, Pasquier & Dolz defendem a releitura frequente da primeira versão (primeira etapa do processo da escrita) em que o agente-produtor reflete sobre o escrito, antes de prosseguir. Nos PCN, as mesmas teses repetem-se: a) da escrita como processo; b) da necessidade de reler o texto para dar prosseguimento; c) da defesa da revisão/reescrita como atividades que devem ser aprendidas na escola. Há uma diferença de natureza linguístico-

⁴ Houve uma adequação vocabular nos PCN, ao utilizar o termo periférico, mais estabilizado na área, do que o termo superficial.

discursiva no processo de retextualização Pasquier & Dolz → PCN. Para os primeiros, é atribuído um sujeito (o autor) que relê constantemente seu texto, a fim de prosseguir com o trabalho; nos PCN, toda a construção é efetivada na terceira pessoa do plural "...se releem..." "... se reformulam passagens..." em construção passiva pronominal.

Extrato 5:

<p><u>Propomos que haja um tempo entre a escrita da primeira versão de um texto e o momento de revisão-reescrita (DOLZ & PASQUIER, 1995). Observamos que, desta maneira, facilitamos o distanciamento necessário para que o aluno reflita sobre sua própria produção e, sobretudo, oferecemos-lhe a possibilidade de fabricar instrumentos lingüísticos sobre o gênero textual que tem de produzir (PASQUIER & DOLZ, 1996, pp.9-10).</u></p>	<p><u>Separar, no tempo, o momento de produção do momento de refacção produz efeitos interessantes para o ensino e a aprendizagem de um determinado gênero:</u> <u>. permite que o aluno se distancie de seu próprio texto, de maneira a poder atuar sobre ele criticamente;</u> <u>. possibilita que o professor possa elaborar atividades e exercícios que forneçam os instrumentos lingüísticos para o aluno poder revisar o texto (BRASIL, 1998, p.77).</u></p>
--	---

O processo de paráfrase continua no extrato 5, momento em que os autores novamente propõem uma distância temporal entre uma versão e outra da escrita. Em seguida, Pasquier & Dolz defendem: a) que o distanciamento temporal facilita a reflexão do estudante em relação à sua própria produção; b) que há uma espécie de fabricação de elementos lingüísticos para operar no gênero que está sendo produzido. Duas distinções ocorrem na retextualização do documento oficial: a) a mudança da utilização da primeira pessoa do plural em Pasquier & Dolz para uma construção itemizada introduzida por verbos no infinitivo, criando novamente maior efeito de objetividade e de asserção das informações.

Extrato 6:

<p><u>já não se trata de uma simples limpeza do texto, mas de uma profunda transformação do texto inicialmente produzido, graças aos instrumentos lingüísticos elaborados durante as oficinas (PASQUIER & DOLZ, 1996, pp.9-10).</u></p>	<p><u>a refacção que se opera não é mera higienização, mas profunda reestruturação do texto, já que entre a primeira versão e a definitiva uma série de atividades foi realizada (BRASIL, 1998, p.77).</u></p>
---	--

Temos novamente, no extrato 6, relações parafrásticas. A ideia que prevalece em ambos os textos é a defesa da refacção como uma operação não higienizadora. Assim temos:

Extrato 6.1:

"...Simples limpeza..."	"...mera higienização..."
"...profunda transformação..."	"...profunda reestruturação..."
"... texto inicialmente produzido..."	"...a primeira versão e a definitiva...";
"...instrumentos linguísticos elaborados durante as oficinas..."	"... uma série de atividades foi realizada..."
(PASQUIER & DOLZ, 1996, pp.9-10)	(BRASIL, 1998, p.77)

É importante destacar que as oficinas a que se referem Pasquier & Dolz (1996) é parte de uma ferramenta de ensino intitulada pelos autores de Sequência Didática; de outro modo, os PCN retextualizam utilizando uma hiperonímia "...uma série de atividades..." em que não se determina que tipo de metodologia será transposta didaticamente em sala de aula.

Por fim, trazemos a relação de retextualização entre as ideias discutidas por Jesus (1995), em dissertação de mestrado orientada por João Wanderley Geraldi, defendida no Instituto de Estudos da Linguagem. Jesus (1995) dedica-se a estudar os processos de correção (higienização) de textos realizados na escola durante a realização da reescrita, mostrando que:

...os textos são analisados apenas no nível da transgressão ao estabelecido pelas regras de ortografia, concordância e pontuação, sem dar a importância às relações de sentido emergentes na interlocução. Como resultado, temos um texto, quando muito, "linguisticamente correto" mas prejudicado na sua potencialidade de realização (JESUS, 1995, p. 54).

Não há explicitamente uma relação de paráfrase, num sentido estrito, das ideias de Jesus nos PCN. Na verdade, nos PCN (BRASIL, 1998) há uma relação dialógica mais ampla em relação à obra de referência, em que não se percebe um trecho ou outro mais específico, como ocorrido com as discussões de Pasquier & Dolz. Jesus assevera que a reescrita é realizada,

costumeiramente, na sala de aula de modo a promover uma “higienização” no texto produzido pelos alunos, corrigindo problemas de ordem gramatical, aos quais ela atribui menor relevância, visto que o “conceito de ‘correção’ consubstancia-se para além do prescrito pela gramática normativa, pois envolve uma negociação de sentidos decorrente dos ‘lugares’ ocupados pelos interlocutores” (JESUS, 1995, p. 49). Jesus defende a reescrita como um processo amplo que se caracteriza pela mediação de outro indivíduo, para que o produtor do texto se torne um sujeito ativo, dotado da capacidade de avaliar criticamente produções escritas.

Considerações finais

A investigação realizada mostrou que os PCN se apropriaram dos conceitos presentes na literatura científica de referência, retextualizando-os de diversas formas: por meio da relação de hiperonímia/hiponímia, paráfrase, deslocamento de informações, supressão de elementos linguísticos, além de mudanças de natureza enunciativa, suprimindo a primeira pessoa do plural de um dos artigos de referência para a terceira pessoa do plural, criando efeitos de maior objetividade, de asserção do conteúdo temático e de distanciamento do interlocutor, mais adequadas a nosso ver para um documento oficial.

De Geraldi, além de suas contribuições ao processo de leitura/escrita e análise linguística discutidas primeiramente na obra *O texto na sala de aula* e aprofundada em *Portos de Passagem*.

Em relação às ideias defendidas por Pasquier & Dolz (1996), no artigo *Um Decálogo para ensinar a escrever* houve distintas formas de intertexto. A principal delas foi a relação parafrástica. Entretanto, houve deslocamento de expressões adverbiais, supressão de sintagmas e frequente retomada por termos de sentido mais amplo (hiperônimos) e de sentido mais estrito (hipônimos). No que tange às reflexões de Jesus, os PCN comungam de suas reflexões, sobretudo a que defende a não higienização do texto (ou não apenas isso), mas atentar-se para aspectos discursivos. Em comum, a pesquisa

evidencia que os autores, assim como os PCN, são unânimes ao defenderem que a reescrita/refacção envolve atividades complexas muito distantes da simples correção ortográfica e gramatical.

Referências

ANDRÉ, Marli E. D. A; LÜDKE, Menga *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. *Análise linguística: Afinal a que se refere?*. São Paulo: Cortez, 2013.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

D'ANDREA, Carlos F. B.; RIBEIRO, Ana Elisa. *Retextualizar e reescrever, editar e revisar: Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial*. **Veredas online**. Juiz de Fora: v.1, pp. 64-74, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e Escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 3. ed. São Paulo, Martins Fontes: 1995.

GONÇALVES, Adair Vieira; BAZARIM, Milene. *Introdução*. In: ____.; ____ (orgs.). *Interação, Gêneros e Letramento*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013.

JESUS, Conceição Aparecida. *Reescrita: para além da higienização*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 1995.

MENEGASSI, Renilson José A revisão de Textos na Formação Docente Inicial. In: GONÇALVES, Adair Vieira & BAZARIM, Milene (orgs.). *Interação, Gêneros e Letramento: a (re) escrita em foco*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013, pp.105-132.

PASQUIER, Auguste; DOLZ, Joaquim. *Un decálogo para enseñar a escribir*. In: CULTURA y Educación, 2: 1996, pp. 31-41. Madrid: Infancia y Aprendizaje. Tradução de Roxane Helena Rodrigues Rojo.

SILVA, Wagner Rodrigues; MELO, Livia Chaves. *Teoria Acadêmica Docente em Referencial Curricular*. In: _____; ____ (orgs.). *Pesquisa & ensino de língua materna e literatura: diálogos entre formador e professor*. Campinas, SP: Mercado de Letras; Araguaína, TO, 2009.